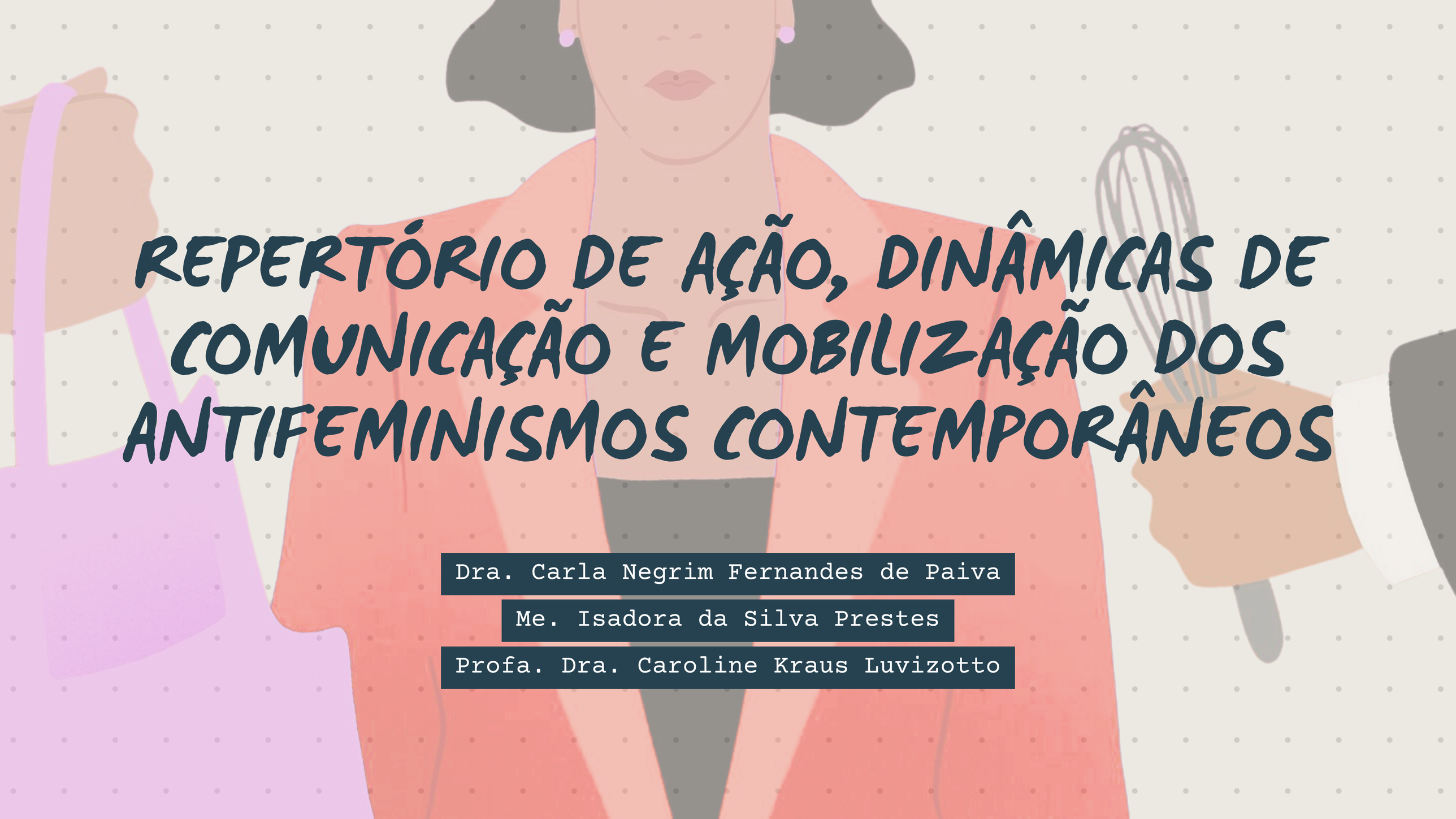

REPERTÓRIO DE AÇÃO, DINÂMICAS DE COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DOS ANTIFEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS

Dra. Carla Negrim Fernandes de Paiva

Me. Isadora da Silva Prestes

Profa. Dra. Caroline Kraus Luvizotto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

OBJETIVO GERAL

METODOLOGIA

CAPÍTULOS TEÓRICOS

RESULTADOS E DISCUSSÕES

CONCLUSÕES

INTRODUÇÃO

- Comunicação digital e visibilidade: plataformas de redes sociais como canais propícios para a circulação de narrativas e contranarrativas digitais.

- Reação conservadora aos feminismos: A expansão do movimento feminista e a interseccionalidade de suas agendas e o recrudescimendo do conservadorismo no mundo ampliou a oposição de atores e grupos às agendas progressistas.



OBJETIVO GERAL

Compreender as formas de organização do movimento antifeminista a partir de suas agendas, dinâmicas de comunicação e repertórios de ação, bem como seus possíveis impactos nas formas de participação.

METODOLOGIA

- Para cumprir o objetivo proposto, essa pesquisa - de abordagem qualitativa - conta com uma metodologia híbrida que combina pesquisa exploratória, bibliográfica e entrevistas em profundidade.

- A pesquisa conta com entrevistas em profundidade semiabertas (Duarte, 2010) realizadas com pesquisadoras que investigam a temática, com o intuito de obter informações sobre os estudos e a atuação dos antifeminismos, seus atores e os impactos nas esferas democráticas e cidadãs.

- As entrevistas foram realizadas com quatro pesquisadoras da Florida State University, nos Estados Unidos em 2024, durante o estágio de pesquisa internacional da autora principal deste trabalho.

DINÂMICAS DE COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO

- As interações comunicativas funcionam como alicerces para a formulação de reivindicações dos movimentos sociais, permitindo sensoriar a sociedade e introduzir pautas no debate público. Essas ações ocorrem em um cenário de interdependência, no qual as estratégias são moldadas por trocas interativas, alianças e disputas entre diferentes sujeitos.

- Plataformas digitais ofereçam espaços para o engajamento dos movimentos, porém elas também se tornaram arenas de conflito, controvérsia e proliferação de discursos de ódio, que sob a lógica do capitalismo digital, pode favorecer a visibilidade de discursos radicais. Como consequência do modelo das plataformas, grupos progressistas e minoritários convertem-se em alvos frequentes de campanhas de desinformação, ataques misóginos e assédio sistemático.

- A partir do momento em que as conquistas feministas se concretizam, as mulheres passam a ser enquadradas por setores conservadores como uma ameaça urgente, catalisando a formação de um contramovimento focado em reverter direitos e evitar novos avanços feministas.

ATORES ANTIFEMINISTAS

- O antifeminismo atua como contramovimento social, disputando poder simbólico e político na esfera pública, surgindo como reação aos avanços dos feminismos.
- O movimento antifeminista não possui uma identidade ou ideologia totalmente unificada; a sua coesão decorre da percepção de uma ameaça comum às normas tradicionais de gênero e família.
- Reúnem atores diversos individuais (líderes, influenciadores, e representantes políticos conservadores) ou organizados em coletivos (partidos políticos de direita, organizações pró-família, institutos religiosos e think tanks) que visam a manutenção da ordem social tradicional e heteronormativa.
- Destaca-se a atuação de mulheres alinhadas à direita que conferem rosto e corpo feminino às ideologias conservadoras, muitas vezes redefinindo discursos de direitos para defender papéis tradicionais.

AGENDAS ANTIFEMINISTAS

- Oposição ao aborto e aos direitos reprodutivos;
- Combate à "ideologia de gênero" e pautas trans;
- Defesa do papel doméstico tradicional;
- Rejeição aos feminismos interseccionais;
- Alinhamento com o populismo e o ressentimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

- Ao longo da história, toda onda de avanço feminista desencadeia uma contramovimento conservador, mantendo pautas históricas como a oposição ao aborto e a defesa do papel doméstico (Entrevistadas 1 e 4).

- A oposição a pessoas transgênero passou a ocupar um lugar central no discurso conservador, buscando atrair apoios diversos e defender a família tradicional (Entrevistada 4).

- Uma das maiores marcas contemporâneas é o alinhamento da retórica antifeminista com o estilo populista de lideranças políticas como Donald Trump, articulando a oposição a mulheres trans, ativistas e imigrantes (Entrevistada 4).

- Os discursos antifeministas instrumentalizam frustrações com perdas econômicas e a precarização do trabalho, convertendo mulheres, imigrantes e outras minorias nos principais culpados pelos problemas sociais (Entrevistada 3).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

- Discursos de elites políticas que ridicularizam escolhas de vida das mulheres, chancelam a aceitação cultural da misoginia no debate público (Entrevistada 3).

- O papel de lideranças feministas conservadoras conferem identidade e legitimidade a pautas de direita, muitas vezes apropriando-se da linguagem dos direitos para defender papeis tradicionais (Entrevistada 1).

- As entrevistadas concordaram que as redes sociais tornaram o ambiente público desordenado. Para a entrevistada 2, o espaço digital é perigoso para as mulheres, gerando assédio desproporcional contra ativistas progressistas, enquanto mulheres conservadoras sofrem menos por reforçarem o *status quo*.

- As entrevistadas 1 e 4 analisaram o movimento Tradwife no TikTok como a reedição tecnológica da antiga mensagem anti-sufrágio sobre a feminilidade doméstica, impulsionada por mulheres socioeconomicamente abastadas.

- A ofensiva conservadora focou no banimento de livros e conteúdos escolares sobre questões queer, sexualidade e igualdade de gênero (Entrevistada 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O alcance do discurso antifeminista é viabilizado pela articulação entre a retórica populista, a exploração de frustrações socioeconômicas e a arquitetura algorítmica das plataformas digitais, que favorece a proliferação de mensagens morais e essencialistas.

- Identificam-se paralelos marcantes nas formas de atuação e unificação de agendas entre Brasil e EUA, mostrando como a oposição ao aborto e o combate à chamada "ideologia de gênero" servem de amálgama para conectar elites políticas, lideranças religiosas e ativistas digitais.

- Principais riscos para a cidadania: As entrevistadas alertaram que o ambiente de hostilidade e a proliferação dessas ideologias buscam intimidar e constranger a participação política das mulheres. A entrevistada 3 concluiu que o silenciamento e o apagamento dos feminismos distorcem a compreensão pública da sociedade sobre temas cruciais, como saúde reprodutiva e violência de gênero.

REFERÊNCIAS

ARAGUSUKU, H. A. (2022). UM PANORAMA DO CONTRAMOVIMENTO ANTIGÊNERO NO BRASIL: EMERGÊNCIA, REDES E NARRATIVAS. IN ANAIS DO 46º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2022. V. 46, N. SPG 27, 01-21.

AVELAR, L., CABRERA, P. M., GOULART, M., & MELO, J. (2022) WOMANHOOD IN DISPUTE: THE IMPACT OF FEMINIST AND COUNTER-FEMINIST MOVEMENTS ON THE ACTIONS OF CONGRESSWOMEN IN BRAZIL. IN LIMA, V., PANNAIN, R. N., & MARTINS, G. P. (EDS.) THE CONSEQUENCES OF BRAZILIAN SOCIAL MOVEMENTS IN HISTORICAL PERSPECTIVE. ROUTLEDGE 228-250.

BIROLI, F. (2019). A REAÇÃO CONTRA O GÊNERO E A DEMOCRACIA. NUEVA SOCIEDAD.

BONET-MARTÍ, J. (2021). LOS ANTIFEMINISMOS COMO CONTRAMOVIMIENTO: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA DE LAS PRINCIPALES PERSPECTIVAS TEÓRICAS Y DE LOS DEBATES ACTUALES. TEKNOKULTURA. REVISTA DE CULTURA DIGITAL Y MOVIMIENTOS SOCIALES, 18(1), 61-71. HTTPS://DOI.ORG/10.5209/TEKN.71303.

BUTLER, J. (2024). QUEM TEM MEDO DO GÊNERO? BOITEMPO.

CASE, M. A. (2019). TRANS FORMATIONS IN THE VATICAN'S WAR ON "GENDER IDEOLOGY". SIGNS, 44(3). HTTPS://DOI.ORG/10.1086/701498.
CASTELLS, M. (2005). A SOCIEDADE EM REDE. PAZ E TERRA.

CHADWICK, A., DENNIS, J., & SMITH A. P. (2016). POLITICS IN THE AGE OF HYBRID MEDIA: POWER, SYSTEMS, AND MEDIA LOGICS. IN BRUNS, A., ENLI, G., SKOGERBO, E., LARSSON, A., O., & CHRISTENSEN, C. (ORGS.). THE ROUTLEDGE COMPANION TO SOCIAL MEDIA AND POLITICS. ROUTLEDGE.

CORREDOR, E. S. (2019). UNPACKING "GENDER IDEOLOGY" AND THE GLOBAL RIGHT'S ANTIGENDER COUNTERMOVEMENT. SIGNS, 44(3). HTTPS://DOI.ORG/10.1086/701171.

CRUZ, M. H. S., & DIAS, A. F. (2015). ANTIFEMINISMO. REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA, 1(01). 10.32748/REVEC.V0I01.3651.

DIGNAM, P. A., & ROHLINGER, D. (2019). MISOGYNISTIC MEN ONLINE: HOW THE RED PILL HELPED ELECT TRUMP. SIGNS, 44(3). HTTPS://DOI.ORG/10.1086/701155.

REFERÊNCIAS

DUARTE, J. ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE (2010). IN DUARTE, J., & BARROS, A. (ORGS.). MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. ATLAS.

FALUDI, S. (2001). BACKLASH: UM CONTRA-ATAQUE NA GUERRA NÃO DECLARADA CONTRA AS MULHERES. ROCCO.

HOOKER, J. (2020). HOW CAN THE DEMOCRATIC PARTY CONFRONT RACIST BACKLASH? WHITE GRIEVANCE IN HEMISPHERIC PERSPECTIVE. POLITY, 52(3). HTTPS://DOI.ORG/10.1086/708946.

ITUASSU, A. (2025). A NOVA REGRA DO JOGO: MÍDIAS DIGITAIS, POLÍTICA E DEMOCRACIA. FGV EDITORA.

KRETSCHMER, K., MANSBRIDGE, J. (2017). THE EQUAL RIGHTS AMENDMENT CAMPAIGN AND ITS OPPONENTS. IN MCCAMMON, H. J. TAYLOR, V. REGER, J. & EINWOHNER, R. L. (EDS.). THE OXFORD HANDBOOK OF U.S. WOMEN'S SOCIAL MOVEMENT ACTIVISM. OXFORD UNIVERSITY PRESS, 71-88.

MENDONÇA, R. F. (2006). MOVIMENTOS SOCIAIS E INTERAÇÃO COMUNICATIVA: A FORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO SEM SUJEITO. CONTEMPORÂNEA, 4(1), 73-98.

MOROZOV, E. (2018). BIG TECH: A ASCENSÃO DOS DADOS E A MORTE DA POLÍTICA. UBU EDITORA.

NASCIMENTO, F. A., & PRESTES, I. S. (2024). MACHO, MASCULINO, HOMEM: O PAPEL DO CONSERVADORISMO E DAS PAUTAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO DISCURSO POLÍTICO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL. IN GOBBI, M. C., AZEVEDO, S. R., &GONZÁLEZ, A. SOBRE GÊNERO E JUSTIÇA SOCIAL. RIA EDITORIAL, 258-275.

NOGUEIRA VOLPATO, A; NEGRIN FERNANDES DE PAIVA, C.; KRAUS LUVIZOTTO, C. (2025). RELAÇÕES PÚBLICAS E MOVIMENTOS SOCIAIS: DILEMAS DA VISIBILIDADE EM PLATAFORMAS DIGITAIS. REVISTA INTERNACIONAL DE RELACIONES PUBLICAS, (15), 135-154.

ORSO, M., & MASSUCHIN, M. G. (2025). THE BRAZILIAN DIGITAL FAR-RIGHT: ACTIVIST GROUPS AND DISCURSIVE REPERTOIRE. REVISTA URUGUAYA DE CIENCIA POLÍTICA, (34), 1-32. 10.26851/RUCP.34.10.

PRUDENCIO, K. (2020). ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA: ATIVISMO DIGITAL E OS LIMITES PARA O DEBATE PÚBLICO. IN FARIA, L. A. DE, LEMOS, E., & REBECHI, C. N. (ORGS.). OPINIÃO PÚBLICA, COMUNICAÇÃO E ORGANIZAÇÕES: CONVERGÊNCIAS E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS. ABRAPCORP, 194-210.

REFERÊNCIAS

REGER, J. (2012). EVERYWHERE AND NOWHERE: CONTEMPORARY FEMINISM IN THE UNITED STATES. OXFORD UNIVERSITY PRESS.

ROCHA, C. (2020). CRISTIANISMO OU CONSERVADORISMO? O CASO DO MOVIMENTO ANTIABORTO NO BRASIL. REVISTA TOMO, (36), 43-77. HTTPS://DOI.ORG/10.21669/TOMO.VI36.12777.

SANDERS, R., & JENKINS, L. D. (2022). SPECIAL ISSUE INTRODUCTION: CONTEMPORARY INTERNATIONAL ANTIFEMINISM. GLOBAL CONSTITUTIONALISM, 11(3), 369-378. 10.1017/S2045381722000144.

SARMENTO, R., ELIAS, M. L. G. G. R., & MARQUES, G. (2023). A COMUNICAÇÃO DIGITAL E AS PAUTAS DAS DEPUTADAS BRASILEIRAS “DE DIREITA” NO INSTAGRAM. TERCEIRO MILÊNIO: REVISTA CRÍTICA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 20(1), 59-83.

SENA, K. E. R., & LUVIZOTTO, C. K. (2019). DESINFORMAÇÃO E CONTRA-NARRATIVAS NO PERÍODO ELEITORAL: UMA ANÁLISE DO FACT-CHECKING NAS CAMPANHAS PARA PRESIDÊNCIA DO BRASIL EM 2018. IN ANAIS DO COMPOLÍTICA 8. UNB, 1-21.

SILVA, M. K., & PEREIRA, M. M. (2020). MOVIMENTOS E CONTRAMOVIMENTOS SOCIAIS: O CARÁTER RELACIONAL DA CONFLITUALIDADE SOCIAL. REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 08(20), 26-49. HTTPS://DOI.ORG/10.20336/RBS.647.

SOBIERAJ, S. (2018). BITCH, SLUT, SKANK, CUNT: PATTERNED RESISTANCE TO WOMEN’S VISIBILITY IN DIGITAL PUBLICS. INFORMATION, COMMUNICATION & SOCIETY, 21(11), 1700-1714. 10.1080/1369118X.2017.1348535.

STAGGENBORG, S., & MEYER, D. S. (2022). UNDERSTANDING COUNTERMOVEMENTS. IN TINDALL, D., STODDART, M. C. J., & DUNLAP, R. E. (EDS.). HANDBOOK OF ANTI-ENVIRONMENTALISM. CHELTENHAM, EDWARD ELGAR, 23-42.

TEIXEIRA, J. M., & BULGARELLI, LUCAS. (2023). GENDER AND SEXUALITY (STILL) IN DISPUTE: EFFECTS OF THE SPREAD OF “GENDER IDEOLOGY” IN BRAZIL. IN PINHEIRO-MACHADO, R., & VARGAS-MAIA, T. (EDS.). THE RISE OF THE RADICAL RIGHT IN THE GLOBAL SOUTH. ROUTLEDGE. 158-171. HTTPS://DOI.ORG/10.4324/9781003193012

THOMPSON, J. B. (2005). THE NEW VISIBILITY. THEORY, CULTURE & SOCIETY, 22(6), 31-51.

MUITO OBRIGADA!

carla.negrim@unesp.br
isadora.prestes@unesp.br
caroline.luvizotto@unesp.br